

O trauma da praga dobrada: Narrativa e contranarrativa sobre Covid-19 e Floyd¹

Jeffrey Alexander

Yale University, New Haven, Connecticut, EUA

Traduzido por **Alexandre Werneck**

[O americano] Brendan Hermanson, 51 anos, trabalhador da construção civil há três décadas, passou pela pandemia saudável e empregado. Em casa, em Milwaukee, [nos EUA,] onde mora com seu filho já adulto, ele tenta se desligar da hostil política do país e se pergunta se deveria se dar ao trabalho de votar novamente no presidente Trump em novembro ou “sentar e assistir a tudo desmoronar” ... O experimento americano está abalado. “Está tudo ferrado”, disse Hermanson, que é branco. “Parece-me que estamos bem próximos de uma queda” ... Em entrevistas com mais de duas dúzias de eleitores em estados que representam campos de batalha políticos chave no país, republicanos, democratas e independentes de diversas idades, raças e classes sociais expressaram a preocupação de que seu país tenha saído dos trilhos, com problemas que nenhuma eleição poderia facilmente resolver. Ferozmente polarizadas em termos de saúde pública, a segurança pública e talvez até sobre a própria verdade, muitas pessoas estão unidas em uma ansiedade coletiva (LERER e UMHOEFER, 13/06/2020).

Quarenta anos atrás, no livro *Um espelho distante*, o assombroso relato de Barbara Tuchman (1989[1978]) sobre como a Peste Negra fechou a cortina do palco da Idade Média, a autora argumentou que “um evento de grande agonia é suportável apenas na crença de que ele trará um mundo melhor”, e “se não”, ela complementa, “a desilusão é profunda e leva as pessoas a duvidarem de si mesmas e se sentirem desgostosas com suas existências”. Esse aviso, apresentado mais de quatro décadas atrás, descreve vividamente a situação em que os americanos [*e boa parte da humanidade*] se encontram hoje. A grande preocupação da maioria dos cidadãos dos EUA é se o país emergirá melhor dos traumas da violência racial e da Covid-19 que Anthony Fauci recentemente caracterizou como uma “praga dobrada”². Se os americanos não acreditarem que sua agonia tenha produzido um mundo melhor, virão não apenas a desilusão, mas também a convulsão social.

O trauma pode ser físico, atacar o corpo, e também pode ser psicológico, minando a segurança emocional de cada um. E cada nível de trauma tem estado no centro das atenções americanas desde que eclodiu a crise da Covid-19, no início de março.

A forma mais visível é a biológica. No século XIV, ninguém fazia ideia do que causava a Peste Negra ou de como a tratar, muito menos de como a impedir de voltar a ocorrer. Hoje, graças à ciência biológica, sabemos que a pandemia é um vírus que domina o RNA celular, fabricando milhões de novas células virais que atacam o sistema respiratório, mantendo afastado o sistema imunológico do corpo. E como a ciência entende a biologia de nosso trauma, também sabemos como nos proteger dele — distanciamento físico, máscaras, higienização das mãos. Ainda não sabemos como curar a doença nem como impedir que esse trauma físico tenha lugar novamente, mas a combinação de pesquisa médica e grande capitalismo farmacêutico nos deixa bastante

confiantes — para Anthony Fauci, com uma “quase certeza” — de que finalmente saberemos essas respostas e poderemos dar conta do trauma da Covid no nível do corpo.

Mas além desse nível, o trauma emocional também explodiu nestes tempos de Covid. A psique humana converte o medo de danos biológicos em uma ansiedade em níveis elevados. Com isso, a segurança ontológica é minada pela precariedade. A imaginação paranoica corre desenfreada. E ondas de pavor e tremores tomam conta de nossa esfera psicológica. Relatos sobre essa experiência emocional se espalharam pelos meios de comunicação ao longo da crise, tanto em termos factuais quanto no registro ficcional:

No final de abril, 1/3 dos americanos mostrava sinais de ansiedade ou depressão clínica, de acordo com uma pesquisa semanal de emergência em domicílios americanos realizada pelo Departamento de Recenseamento dos EUA para medir os efeitos da pandemia. No início de maio, metade dos entrevistados disse se sentir “abatido, deprimido ou sem esperança”, o dobro do número de pessoas que responderam dessa maneira em um levantamento nacional de 2014. “Esta é a coisa mais assustadora que vi na minha vida”, disse Erik Widener, 28, gerente de um restaurante em Doylestown, Pensilvânia, a caminho do trabalho (...), no primeiro dia de reabertura de estabelecimentos desse tipo no estado (LERER e UMHOEFER, 13/06/2020).

Há agora, no entanto, um novo gênero de pesadelo produzido pela Covid-19. As prescrições para medicamentos psicotrópicos estão em alta. O mesmo ocorre com o consumo de álcool. Sabemos bastante sobre as respostas emocionais ao coronavírus, ainda que esse conhecimento seja muito menos preciso do que nossa compreensão biológica do próprio micro-organismo. As pessoas têm padecido de um distúrbio de ansiedade relacionado ao estresse traumático, algo como uma versão em tempo real da PTSD. Há terapias para tratar essa condição, química e interpessoal, mas nada pode impedi-la de voltar a ocorrer. Tanto o medo do perigo biológico e da morte quanto a manutenção do isolamento para evitá-los desencadeiam traumas emocionais. Sentir-se fisicamente vigoroso e emocionalmente conectado aos outros é essencial para a segurança ontológica.

Mas há ainda outro nível de trauma desencadeado pela Covid-19. Há nos EUA muitos discursos tangenciando a questão, mas raramente ela tem sido explicitamente tematizada, seja por especialistas ou por pessoas mergulhadas na vida cotidiana da pandemia: sim, o trauma é biológico e emocional, mas pode também ser *social*, desafiando a identidade coletiva que ancora a segurança cultural de um grupo. As histórias que contamos a nós mesmos sobre nós mesmos estão viradas de ponta-cabeça, e por vezes nossa própria existência coletiva parece colocada em xeque. O trauma cultural é uma ferida para “nós”, seja lá como esse “nós” seja definido. Para dar um exemplo bastante comum, em New Haven, onde moro, o fato de um restaurante, chamado Clarks, ter fechado representou um enorme choque para a comunidade. O persistente pé-sujo que se tornou ponto de referência na Whitney Avenue era um dos pilares da vida social de Yale havia 75 anos. E para dar outro exemplo, de maior importância: ao longo dos três meses de crise e paralisação muitos nova-iorquinos experimentaram o traumático desaparecimento de sua cidade: “Isso é Nova York?”, eles exclamaram, ao ver ruas vazias, teatros de luzes apagadas e lojas sem vida.

Entretanto, é o nível *nacional* de identidade coletiva que nos interessa aqui, o trauma cultural que está afetando os Estados Unidos da América, não como uma coleção de corpos e psiques individuais, mas como um grupo social. A Covid-19 colocou em questão a história que os americanos há muito contam para si mesmos sobre a grandeza de nosso país — e de nós como nação. Ela se desenrolou diante do já erosivo medo de declínio que assombra nossa consciência coletiva desde o final da década de 1960, desafiada militarmente pelo Vietnã, economicamente pelo Japão e politicamente pela corrupção presidencial e por conflitos raciais.

No espaço liminar do trauma coletivo, os atores sociais competem, não apenas em termos de recursos e estatísticas, mas pelo controle das narrativas capaz de permitir a dominação cultural. Quando Trump concorreu à Presidência, ele prometeu “tornar a América grande novamente”. À medida que seu movimento para tentar a reeleição se aproximava, ele se preparou para fazer campanha com base na versão de que havia conseguido. Confrontado com a Covid-19, ele fez todos os esforços para sustentar essa narrativa de triunfo, empreendendo repetidas performances de negação. E quando desenrolares enormemente objetivos minaram a verossimilhança dessa estratégia narrativa, Trump mudou de posição retórica, apresentando-se então como o heroico protagonista de uma saga a respeito da vitória sobre inimigos profanadores — o vírus, os democratas, os governadores, os chineses. A realidade não é capaz de refutar construções culturais, mas pode fazê-las parecer menos plausíveis. O aumento das taxas de infecção e mortalidade atenuou os aplausos necessários para proporcionar ao desempenho presidencial de Trump uma indiscutível aparência de sucesso dramático. Outros heróis — primeiramente cientistas, depois governadores — surgiram, parecendo a muitos americanos falar uma verdade mais poderosa, uma narrativa sobre um país enfraquecido e um soberano negligente que não conseguiu manter a Covid-19 afastada nem a combater com a devida força quando esta emergiu. Essa contranarrativa, indicadora de um país em declínio, ganhou força à medida que a resposta nacional à pandemia era debilitada pela fragmentação e humilhada pela desigualdade social. E se tornou um verdadeiro maremoto depois que a polícia de Minneapolis assassinou George Floyd no Memorial Day, o feriado que homenageia os americanos que fizeram o sacrifício máximo pelo país. Os protestos antirracismo representam uma contraperformance para a performance presidencial de Trump, desafiando sua narrativa de triunfo da purificação e da força nacionais com uma história sobre fracasso, fraqueza nacional e o risco do declínio americano.

Na primeira fase de nosso trauma coletivo, exclusivamente concentrada na Covid-19, o presidente Trump foi o personagem principal no palco americano. Contra suas alegações de heroísmo, a contranarrativa o apresentou como trapalhão, dissimulador e tolo. O pico da onda de protestos contra a brutalidade policial — que criou a citada e traumática praga dobrada —, por sua vez, colocou o presidente no papel de maléfico, de autocrata racista que ameaça a identidade democrática do país. O “povo” emergiu como um personagem central no espaço liminar dramático do trauma, um poderoso protagonista cívico confrontando Trump, agora retratado como um antagonista anticivismo. E o crescente poder dramático dessa contranarrativa, juntamente com a sacrossanta pureza atribuída ao personagem do “povo”, ameaça empurrar o presidente para fora do palco da história.

O trauma cultural é um processo social contingente e de final aberto. Não pode se determinar antecipadamente como ele é cristalizado na consciência coletiva e qual será seu resultado, material e institucionalmente; e, uma vez que se cristalize, ele pode ainda prosseguir em transformação. O que exatamente aconteceu? Quem foram as vítimas, quem foram os algozes? O que podemos fazer para garantir que algo assim nunca mais ocorra? De uma perspectiva naturalista, de senso comum, as respostas para essas perguntas parecem óbvias, mas, do ponto de vista da sociologia cultural, não são. Responder a cada uma dessas perguntas é algo sujeito a uma enorme disputa social, a codificação contraditória e a conflito de narrações, narrativas e contranarrativas, performances e contraperformances.

Responder a essas perguntas, então, atribui responsabilidades sociais e aponta para possibilidades de mudanças institucionais. Quando surgiram os primeiros relatos sobre os campos da morte, o assassinato em massa do povo judeu foi atribuído simplesmente a Hitler e aos nazistas e o trauma do Holocausto foi circunscrito ao teatro da Segunda Guerra Mundial. Nos anos posteriores, quando esse mesmo trauma começou a atravessar a consciência ocidental, a categoria dos perpetradores se expandiu para além de Hitler e dos nazistas e se dobrou sobre a civilização cristã como um todo e a categoria das vítimas se expandiu para incluir sofrendores de antissemitismo em todos os lugares, em todos os tempos. Impedir que esse trauma volte a ocorrer passou então a significar algo muito diferente do que criar uma paz europeia do pós-guerra. Significava desmantelar o antissemitismo e incorporar o povo judeu, pela primeira vez na história da humanidade, totalmente à vida social ocidental.

Uma disputa cultural sobre o que aconteceu durante a crise da Covid-19, sobre quem são as vítimas e quem são os algozes, está sendo travada agora, diante de nossos olhos. O presidente Trump e seu coro cantam uma história amarga sobre divisão, reformando a retórica, a política e as políticas de polarização que conduziram a direita populista ao poder e definiram seu primeiro mandato. Na narrativa tecida por eles, região se volta contra região, vermelho contra azul, branco contra preto, partido contra partido e polícia e forças armadas contra cidadãos. O presidente se apresentou como o anjo vingador dos brancos que se imaginam sofrendo o trauma da substituição racial. Desempenhando o papel típico do demagogo frenético, enfurecido e enfurecedor, Trump definiu a Covid-19 como um confronto ideológico, propondo resolver o trauma mandando os americanos de volta ao trabalho e permitindo que os cidadãos das regiões rurais dos estados governados pelo Partido Republicano vaguem livremente. E a equipe de produção de Trump está narrando a segunda onda de trauma da mesma maneira. Eles retratam os brancos como vítimas, os manifestantes urbanos negros e liberais como algozes e a lei e a ordem como a solução para fazer desaparecer a experiência traumática americana.

A contranarrativa anti-Trump, por sua vez, classifica o presidente como amoral e egoísta, um governante autoritário cujo poder brutal é contestado por altamente bem-formados arautos da verdade e heróis locais — cientistas, profissionais de saúde e empregados de serviços de alimentação. Opondo-se à retórica da divisão e do rebaixamento, esse contraenredo apresenta uma narrativa sobre a expansão da empatia social, de heróis do cotidiano e da ampliação da solidariedade cidadã. As vítimas do trauma da Covid-19 seríamos todos os americanos,

independentemente de região ou de raça. Estaríamos todos juntos nisso, experimentando os mesmos medos. A pandemia afeta tanto os ricos quanto os pobres. Os jovens se abrigam para proteger os mais velhos. As pessoas usam máscaras não apenas para se protegerem, mas para proteger a todos a seu redor. Elas param a economia de bom grado, não porque o governo as obrigou a fazê-lo e não apenas por preocupação com sua própria saúde, mas também por conta da saúde de colegas, clientes e funcionários, pela saúde de todo o país, pelos EUA em si. Em uma coluna intitulada “O povo está liderando os líderes”, David Brooks, do *The New York Times*, questionou “a impressão de que os EUA estão amargamente divididos”.

O país está menos dividido do que estava antes da pandemia... A grande história agora é que republicanos normais não estão seguindo o Talibã trumpiano em sua estridente grita para reabrir tudo imediatamente. Os americanos de estados vermelhos e azuis [respectivamente de governadores republicanos e democratas] estão em casa quase exatamente nas mesmas taxas. Há pouca correlação entre se um estado é vermelho ou azul e como está se saindo no combate à doença (BROOKS, 13/06/2020).

Dois meses antes, nas primeiras semanas do trauma nacional, seu colega colunista Roger Cohen também destacou a vitória da integração sobre a divisão: “Está se desfazendo. *Cuide. Nós não desistimos*. Estamos conectados um ao outro e às gerações passadas e futuras, não há estranhos aqui” (COHEN, 03/04/2020).

Nesta leitura anti-Trump desse trauma nacional, o antagonista não é apenas o vírus da Covid-19, e sim os líderes antidemocráticos, como o presidente e seus apoiadores, que buscam estreitar a empatia, reduzir o círculo do “nós” para minar a recém-reforçada solidariedade cívica que floresce diante de nossos olhos. “Donald Trump é a nossa catástrofe nacional”, diz a chamada principal da página editorial do *Times*, acima de uma cortante acusação do conservador Bret Stephens (06/06/2020). Mas a categoria de agressor responsável por nosso trauma, de acordo com essa contranarrativa, é expandida para além dos líderes anticívicos. Ela também inclui o sistema de saúde do país, que não foi tratado nem cuidado por muitos aos quais durante toda a crise ele atendeu de forma tão dedicada. E a categoria de vítimas se expandiu para além das pessoas simplesmente infectadas. Ela passou a explicitamente incluir as minorias economicamente desfavorecidas e raciais. À medida que a Covid-19 explicitou as consequências deletérias da desigualdade na saúde, passaram a ser demandadas mudanças não apenas na oferta de cuidados médicos, mas também no sistema de estratificação do país. As pessoas não deveriam perder suas coberturas de saúde ao perderem seus empregos. Trabalhadores essenciais que colocam suas vidas em risco sofrem maiores taxas de infecção e morte. Onde está a equidade? Onde está a solidariedade? No interior da estrutura dessa contranarrativa, está sendo encenado diante de nossos olhos um drama de injustiça. A catarse só poderá ser alcançada se as instituições forem reformadas para refletir nossos intensificados sentimentos de solidariedade expandida. “Por algum tempo” já, escreveu o crítico de arte da revista *New Yorker* Peter Schjeldahl (06/04/2020), “estamos sendo lembrados de nossa unidade em todo o mundo e ao longo do tempo com todos os vivos e os mortos”.

O horrendo assassinato de George Floyd por policiais ocorreu no interior desse drama nacional de enredo e contraenredo, divisão e solidariedade, disparidade e justiça. Criando uma convulsão nacional, uma peça dentro de uma peça, o caso intensificou o trauma coletivo criado pela Covid-19, direcionando os holofotes da contranarrativa para iluminar 400 anos de sofrimento e dominação raciais. Podem os EUA serem um grande país (e se conceberem como nação) se sua solidariedade for definida pela cor da pele de uma pessoa e não pelo conteúdo de seu caráter, como disse Martin Luther King? Trata-se de “Deus abençoe a América!” ou de “Maldita América!”, como perigosamente questionou o pregador Jeremiah Wright, pastor de Barack Obama em Chicago? Nosso trauma diz respeito à anarquia ou à injustiça? As vítimas são os americanos de cor ou as propriedades, os policiais ou os manifestantes nas ruas? Quem são os perpetradores desta segunda onda traumática? Seriam os lamuriantes liberais e os manifestantes traidores ou o racismo institucional, os brancos que o estabeleceram e os políticos e integrantes do governo que continuam a defendê-lo? Terá sido o movimento Make America Great Again (Maga) desrespeitosamente abalado ou os EUA são mesmo um país racista e seus fantasmas estão voltando para os assombrar?

A segunda onda de trauma ampliou a percepção do que está em jogo. Lideranças militares de quatro estrelas, como James Mattis e Michael Mullen, atacaram o presidente por usar o Exército para reprimir protestos, acusando Trump de violar o direito constitucional de reunião pacífica considerado um dos pilares da identidade democrática dos EUA. Líderes nacionais lançaram insistentes reclamações que retratam a democracia americana como algo balançando na beira do abismo. Descrevendo o atual momento como a grande crise de nosso tempo, eles dramatizam a profundidade da ferida nacional americana. O presidente e aqueles produzindo contraperformances a ele escrevem enredos, lançam personagens e criam o que esperam que sejam cenas evocativas: Trump manda esvaziar o Lafayette Park para que ele possa posar de expressão severa diante de uma igreja episcopal com a Bíblia na mão; Al Sharpton, por sua vez, faz um sermão inflamado em um dos vários cerimoniais funerários dedicados a representar a coragem e a bravura de George Floyd.

Mas é o público dos cidadãos americanos que acompanha de perto essas performances conflitantes que tem a palavra final. É ele que decide qual performance é autêntica, qual narrativa parece real e quais não. Nos primeiros dias de protesto racial, parecia que Trump poderia ser bem-sucedido em lançar mão do desassossego para se posicionar como o heroico defensor da lei e da ordem, surfando na nova onda de ressentimento branco na direção da Casa Branca para um segundo mandato. Mas na segunda semana de junho, a mídia noticiava uma reação diferente: a grande maioria dos americanos apoiava os protestos, identificando-se com os protagonistas da contranarrativa e com a moral de sua trama. Como noticiou o *The New York Times* em 12 de junho:

O sr. Trump retratou os manifestantes como “terroristas” e extremistas, enquanto elogiava a maioria dos policiais como “grandes pessoas”. No entanto, em uma pesquisa da Universidade Monmouth divulgada na semana passada, 57% dos americanos — incluindo a maioria dos brancos — disseram que a raiva que levou aos protestos foi completamente justificada. Mesmo entre aqueles que se definem como conservadores, 65% disseram que as

frustrações dos manifestantes eram pelo menos um pouco justificadas. [E] os dados são ainda mais impressionantes entre os mais jovens. Em uma nova pesquisa da parceria Washington Post-Schar School, 41% dos republicanos com mais de 55 anos disseram acreditar que o assassinato de Floyd refletia um problema mais amplo. Esse número cresce para 52% entre os republicanos com menos de 55 anos. E uma lacuna geracional semelhante é observada entre os eleitores independentes (MARTIN, HABERMAN e ROGERS, 11/06/2020).

Traumas coletivos são sociológicos, não biológicos. Construídos, não nascidos, eles não são determinados nem por leis naturais nem pela força material, mas pela contínua construção cultural. No entanto, embora a produção de sentido entre este momento e novembro — quando têm lugar as eleições presidenciais americanas — não possa por ora ser prevista, sabemos a que ela diz respeito. À medida que o drama nacional dos EUA se desenrola, ele cristalizará o sentido da praga dobrada de se experimentar a Covid-19 e a crise pós-George Floyd ao mesmo tempo. Até que os votos sejam contados, na terça-feira, 3 de novembro, os americanos permanecerão mergulhados da neblina da guerra cultural, respondendo a construções concorrentes de narrativas, performances e personagens, a argumentos mostrando como a América ainda é grande, nunca foi ou pode ser feita grande novamente. E por quem. O “povo contra Trump” é uma narrativa poderosa. Surgirá um ator capaz de interpretar com êxito “o povo” enquanto a campanha eleitoral se desenrola? Se os democratas quiserem vencer, Joe Biden terá que sair de seu espaço embaixo do palco, parar de errar suas marcas e murmurar suas falas. Ele terá que se tornar um personagem heroico que convincentemente declare ser possível transformar nosso mundo. Apenas se o candidato do antigo Partido Democrata puder se tornar dramaticamente atraente é que as instituições americanas poderão ser tão bem reparadas que nosso trauma com uma praga dobrada nunca mais voltará a ocorrer.

Notas

¹ Publicado originalmente em *Thesis Eleven* (09/07/2020). Disponível (on-line) em: <https://thesiseleven.com/2020/07/09/the-double-whammy-trauma-narrative-and-counter-narrative-during-covid-floyd/>. Os editores agradecem ao professor Frédéric Vandenberghe pelo encaminhamento do texto à seção.

² No original, *double whammy*, expressão ancorada no termo *whammy* — que significa feitiço ou maldição ou ainda um golpe violento na natureza — e é usada na linguagem coloquial para indicar uma situação em que se enfrentem dois grandes problemas ao mesmo tempo (N.T.).

Referências

TUCHMAN, Barbara W. **Um espelho distante: O terrível século XIV**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989[1978].

Fontes da imprensa

BROOKS, David. “Ordinary People Are Leading the Leaders: America looks better from the bottom up”. **The New York Times**, Opinion, 14 de maio de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.nytimes.com/2020/05/14/opinion/coronavirus-us.html>

LERER, Lisa; UMHOEFER, Dave. “On the Future, Americans Can Agree: It Doesn’t Look Good: Battered by a health crisis and boiling over with fury about racial injustice, many voters are mourning the past, worried about the present and fearful of what comes next”. **The New York Times**, 13 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.nytimes.com/2020/06/12/us/politics/election-coronavirus-protests-unemployment.html>

MARTIN, Jonathan; HABERMAN, Maggie; ROGERS, Katie. “As Public Opinion Shifts on Racism, Trump Digs In: With much of the country acknowledging that protesters’ frustrations are justified, the president increasingly sounds detached from many voters in the political middle and even some of his allies”. **The New York Times**, 11 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.nytimes.com/2020/06/11/us/politics/trump-on-race.html>

SCHJELDAHL, Peter. “Mortality and the Old Masters: Once we are again free to wander museums, the objects won’t have altered, but we will have, and the casualties of the coronavirus will accompany us spectrally”. **The New Yorker**, The Art World, 6 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.newyorker.com/magazine/2020/04/13/mortality-and-the-old-masters>

STEPHENS, Bret. “Donald Trump Is Our National Catastrophe: With Malice toward All; With Charity for None”. **The New York Times**, Opinion, 5 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.nytimes.com/2020/06/05/opinion/donald-trump.html>

JEFFREY ALEXANDER (jeffrey.alexander@yale.edu) é professor da cátedra Lillian Chavenson Saden do Departamento de Sociologia da Yale University (New Haven, Connecticut, EUA) e codiretor do Center for Cultural Sociology, da mesma universidade. Tem PhD em sociologia pela University of California, Berkeley (Berkeley, Califórnia, EUA) e graduação pela Universidade Harvard (Cambridge, Massachusetts, EUA). É autor, entre outras obras, de *Trauma: A Social Theory* e *The Drama of Social Life*.